

A MISSÃO RONDON E A ACULTURAÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS DE RONDÔNIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

ARNAUT DE TOLEDO, César de Alencar ¹

MÁXIMO, Maria Auxiliadora ²

NETTO, Josué ³

RESUMO: A pesquisa analisa o papel da Missão Rondon no processo de aculturação imposto aos povos originários de Rondônia no início do século XX. A investigação foi baseada em jornais da época, principalmente o Alto Madeira de Porto Velho, relatórios governamentais e fontes bibliográficas. No período investigado, a civilização ocidental foi imposta aos povos indígenas principalmente por meio do agrupamento de diferentes etnias em colônias, a exemplo do Posto Indígena Rodolpho de Miranda, criado em 1914 onde hoje está localizado o município de Ariquemes. Nesse contexto, destaca-se a breve trajetória do menino indígena Parriba Paraquina Pioaca, membro da tribo Arikem, que foi estudar em Cuiabá e no Rio de Janeiro sob os auspícios do marechal Rondon. Os resultados da investigação indicam que o processo civilizatório imposto implicou na extinção de diversas etnias indígenas, ao mesmo tempo em que garantiu ao invasor branco, nas décadas seguintes, a posse das terras e maior segurança para exploração das riquezas naturais da região.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; Rondônia; Posto Indígena Rodolpho de Miranda; Parriba Paraquina Pioaca.

1 INTRODUÇÃO

Em 1943, no governo do presidente Getúlio Vargas, foi criado o Território Federal do Guaporé, renomeado em 1956 como Território Federal de Rondônia e elevado à condição de estado da federação em 1981.

Apesar da sua curta história política, o povoamento de Rondônia remonta ao século XVIII, quando a Coroa Portuguesa determinou a construção do forte Príncipe da Beira, às margens do rio Guaporé, na fronteira com a Bolívia, onde hoje está situado o município de Costa Marques.

Contudo, a ocupação do território pelos homens brancos se intensificou a

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1996). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Email: caatoledo@uem.br.

² Doutora em Educação pela UEM (2021). Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, *campus* Ariquemes. Email: doramaximo@unir.br.

³ Mestre em Educação pela UNIR (2019). Doutorando no PPE da UEM. Professor do Instituto Federal de Rondônia - IFRO, *campus* Jaru. Email: josue.netto@ifro.edu.br.

* O IFRO apoia o professor doutorando com o afastamento remunerado para cursar o Programa de Pós-graduação.

partir do final do século XIX e início do século XX, motivada, principalmente, pela extração do látex das seringueiras e pela necessidade de interligar as regiões centro-oeste e norte do país.

Dentre as iniciativas de interligação promovidas, há que se destacar o papel da denominada Missão Rondon, liderada pelo marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865 - 1958), com a finalidade de instalar uma linha telegráfica entre Cuiabá, capital do Mato Grosso, e Santo Antônio do Rio Madeira, extremo norte do estado, na divisa com Porto Velho, então uma cidade do estado do Amazonas criada em 1914.

Ao mesmo tempo em que instalava a linha telegráfica e criava povoações ao longo do trajeto, a Missão Rondon promovia a aculturação dos povos indígenas. Pretendia-se, assim, impor aos nativos a cultura ocidental e torná-los mão-de-obra para conservação e melhoria das linhas telegráficas e estradas do sertão. Alegava-se, ainda, a necessidade de proteger os indígenas frente aos cada vez mais numerosos seringueiros.

Apresentado tal contexto histórico, analisaremos a seguir algumas ações pretensiosamente civilizatórias impostas aos povos originários no início do século XX, com destaque para um fato provavelmente pouco conhecido: a educação do menino Parriba Paraquina Pioaca, da tribo Arikeme, em Cuiabá e no Rio de Janeiro, sob os auspícios do marechal Rondon.

2 METODOLOGIA

O resumo ora apresentado é um recorte da tese de doutorado da professora Dra. Maria Auxiliadora Máximo, docente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) *campus* Ariquemes, intitulada “História da Educação Escolar em Rondônia nos tempos do Território Federal” (MÁXIMO, 2021), defendida no Programa de Pós-graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com orientação do professor Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo.

A investigação foi baseada em jornais da época, principalmente o Alto Madeira, que circulou na cidade de Porto Velho de 1917 a 2017, relatórios governamentais e fontes bibliográficas, inclusive relatos do próprio marechal Rondon. Para fins de clareza, a redação dos textos da época foi adaptada às normas linguísticas atuais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do século XX, a região do atual estado de Rondônia era considerada um vazio geográfico. Na verdade, porém, o território já era habitado por diversos povos indígenas que passaram a ter contato com o homem branco, em um choque entre história e pré-história, conforme diz o antropólogo Edgard Roquette-Pinto (1884 - 1950) na clássica obra “Rondônia: antropologia etnográfica”:

Os índios da Serra do Norte, no Estado de Mato Grosso, representam quiçá, neste momento, a mais interessante população selvagem do mundo. Vivem, ainda hoje, em estado de acentuada inferioridade.

Foram surpreendidos em plena idade lithica [idade da pedra]; e, assim, foi encontrada uma civilização fóssil no coração da América do Sul. Aqui, mais do que alhures, justifica-se a observação de Bastian [etnólogo alemão, 1826-1905], segundo a qual história e pré-história se confundem nas terras do Novo Mundo (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 2).

É interessante observar que esse choque entre civilizações em estágios tão diferentes já fora previsto por Karl Marx (1818 - 1883) e Friedrich Engels (1820 - 1895) no Manifesto do Partido Comunista, publicado pela primeira vez em 1848: “no lugar da simplicidade e do isolamento local e nacional antigos, [...] a burguesia arrasta para a civilização até as nações mais bárbaras” (MARX e ENGELS, 2014, p. 36-37).

Aos olhos da civilização branca, os povos nativos eram de condição inferior e catequizá-los constituía um dever, conforme pode ser entendido no pitoresco relato publicado no jornal Alto Madeira de um casamento cristão entre indígenas em Santo Antônio do Rio Madeira, então uma cidade do Mato Grosso a poucos quilômetros de

Porto Velho:

Custava-me a crer que aquela moçoila, de feições bastante regulares, tão garbosa e aprumada no seu bem-acabado vestido branco, [...] sorridente, mas sem o sorriso idiota e alvar dos inconscientes, com o ar e a pose de uma rapariga nascida e criada entre gente civilizada e de bons modos, quatro anos antes errava em plena nudez, os lábios tingidos de negro em companhia dos seus irmãos da nação Ariqueme. É de ver o aplomb [o prumo], a serenidade a linha de gente educada, com que se houve na cerimônia do casamento [...]. Frutos da patriótica Missão Rondon, que a foi buscar na selva com os seus irmãos, e lhe ensinou as práticas da civilização, lhes deu professores e educadores (TOQUES..., 1918, p. 2, grifos nossos).

Além do pretensioso desígnio civilizatório, havia o temor frente às tribos hostis. No dia 16 de outubro de 1918, por exemplo, cerca de 100 membros da tribo Urupá atacaram três homens e uma mulher que “subiam o rio Guaporé numa canoa, com destino ao barracão Renascença, situado à margem direita do rio Cautário, pertencente à *Guaporé Rubber Company* [empresa norte-americana], em cujos seringais trabalhavam”. A mulher e dois homens morreram e o terceiro ficou gravemente ferido (TRÊS PESSOAS..., 1918, p. 6).

Ao mesmo tempo, admitia-se que os indígenas também estavam sujeitos à violência dos invasores, principalmente os seringueiros, e era necessário proteger esse “numeroso bando de irmãos [...] vítimas da crueldade covarde de homens afeitos à barbaria” (PRÓ-SILVÍCOLAS, 1917, p. 1).

Nesse contexto foi criado em 1914 o Posto Indígena Rodolpho de Miranda. Situado à margem esquerda do rio Jamari, no atual município de Ariquemes, com uma área de aproximadamente 4.000 hectares, teve o propósito de congregar os indígenas dispersos da região, objetivando formar mão de obra, além de lhes impor a catequese (COLÔNIA ..., 1918, p. 1).

Quanto à formação de mão de obra, telegrama de Rondon ao ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda (1860 - 1943) em 1910 é suficientemente esclarecedor ao relatar que os povos indígenas já escolarizados, como os Parecis e os Bororós, poderiam prestar excelentes serviços na conservação e melhoria das linhas telegráficas e estradas do sertão (BRASIL, 1910, p. 11).

A catequese, por sua vez, não mais se baseava em princípios católicos, mas sim no espírito positivista republicano, defendido por Rondon no mesmo telegrama: “como [...] membro da Igreja Positivista do Brasil, estou convencido de que nossos indígenas deverão incorporar-se ao Ocidente sem passar pelo teologismo, e assim será mais tarde, quando o Positivismo houver triunfado suficientemente” (BRASIL, 1910, p. 8-9).

Essa resumida descrição das ações da missão Rondon voltadas aos povos indígenas não poderia ser encerrada sem a história do menino Parriba Paraquina Pioaca, da tribo Arikeme, narrada pelo próprio Rondon:

Um dos chefes, desejoso de apressar o advento da era de redenção do povo Arikeme, pediu-me que fizesse educar um dos seus filhos segundo os nossos usos e costumes. Acedendo a esse pedido, trouxe comigo o menino Parriba Paraquina Pioaca, que será incluído no quadro de educandos do Instituto Profissional S. José. Inúmeras pessoas, nesta Capital, em Cambuquira e alhures, conhecem o pequeno Parriba; e quando o ouvem falar o português, tão fácil e correntemente como se houvera aprendido dos lábios maternos; quando veem os seus modos gentis e polidos; quando apreciam a vivacidade de sua conversação inteligente e comedida; a docilidade de seu gênio franco e liberal: a custo creem que há dois anos apenas, vivia ele no fundo de uma floresta virgem da nossa Pátria, fazendo parte de uma tribo de miseros silvícolas, ignorados, perseguidos e massacrados (RONDON, 1916, p. 194-197, grifos nossos).

Após os estudos em Cuiabá, Parriba foi matriculado no internato do Colégio Batista, no Rio de Janeiro, onde logo no primeiro ano foi o melhor aluno em sua turma, mas morreu pouco tempo depois, vitimado pela epidemia da gripe espanhola (RONDON, 2019).

Não importa se inspirada por fervores positivistas ou cristãos, fato é que a desejada redenção do povo Arikem, ao qual pertencia o dócil e inteligente Parriba, com seus modos gentis e polidos, implicou a extinção daquele povo. Ao analisar a integração dos indígenas na sociedade nacional, o professor Darcy Ribeiro (1922 - 1997) classificou a tribo Arikem como isolada em 1900 e como extinta pouco mais de meio século depois, em 1957:

A consequência desse contato indiscriminado e da atitude dócil

daqueles índios foi sua pronta contaminação por doenças, desde a gripe até a sífilis, que provocaram violenta mortalidade, reduzindo a tribo que contava 600 pessoas a 60 apenas, em poucos anos (RIBEIRO, 2017, p. 115-116).

Certamente que o pequeno arikeme foi um dos primeiros nascidos em terras rondonienses a estudar na capital federal. Entretanto, esse incentivo à educação dos indígenas estava longe de ser unanimidade na época. Eis uma crítica sarcástica e preconceituosa publicada no jornal Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro:

De Cuiabá chega-nos notícia de S. Ex. (o interventor federal do Mato Grosso) concedeu uma pensão ao aborígene Parriba Paraquina Pioaca, que pelo nome não se perca, da tribo dos Ariketes (sic), que se acha internado num colégio Baptista qualquer.

Se a intervenção do Sr. Camilo Soares vai por esse caminho, vai muito mal.

Quando se souber que S. Ex. Anda a distribuir pensão a índios e naturalmente a índias, vai ser um horror, porque daqui mesmo do Rio irão levar e levar de gente fantasiada de selvagem e com bons empenhos para pegar a sua “mesada”. Não haverá dinheiro que chegue e quando a intervenção acabar, o Tesouro de Matto Grosso estará exausto.

Este Parriba é uma porta... O Sr. Camillo não pode protegê-lo sem estender a sua proteção a outros gentios, ávidos de instrução e quando S. Ex. deixar o Estado, será cognominado - protetor honorário dos aborígenes (NOTAS..., 1917, n. 111, p. 1).

Vale ressaltar que o jornal não informou que a pensão de Parriba, no valor mensal de 120 mil réis, era concedida a outros 23 estudantes, com base na lei estadual nº 531, de 4 de julho de 1910. Eram condições para o recebimento que o aluno contemplado fosse natural do Mato Grosso, tivesse concluído o ensino secundário, apresentasse boa conduta e aproveitamento nos estudos e fosse considerado pobre (MATO GROSSO, 1919).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Civilizar e proteger: assim podemos entender as finalidades da Missão Rondon em relação aos povos indígenas.

Se entendermos o ato de civilizar como a imposição de uma cultura sobre outra, é possível dizer que a primeira finalidade foi atingida, mas a um preço muito alto para os povos originários da região. A cultura nativa foi praticamente eliminada, substituída pelos costumes, valores e manifestações ocidentais.

Tampouco o objetivo de proteger parece ter sido alcançado. Povos milenares foram extintos ao serem congregados em um único espaço, como o Posto Indígena Rodolpho de Miranda, ou quando estabeleceram relações com o homem branco. Segundo o censo do IBGE de 2022, a população indígena em Rondônia é de apenas 21153 pessoas, 1,4% da população total.

Essa tragédia coletiva dos indígenas pode ser sintetizada na figura do menino Parriba Paraquina Pioaca. Ele é retratado como uma criança branca com uniforme de estudante. É provável que muito pouco ele tenha absorvido da cultura de seu povo. Sua morte prematura pela gripe espanhola ilustra o quão maléfica foi a integração do indígena na sociedade branca. E mais do que uma vítima da doença, ele sofreu ainda com o preconceito de um povo que se considera superior ao seu.

5 AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), que apoia a pós-graduação do professor Me. Josué Netto mediante concessão de afastamento remunerado.

À Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e à Universidade Estadual de Maringá (UEM), que permitiram a pesquisa de doutorado da professora Dra. Maria Auxiliadora Máximo ao firmarem acordo de Doutorado Interinstitucional (DINTER) de 2018 a 2021.

REFERÊNCIAS

BRASIL. (Ministério de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio). **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio, Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda, no ano de 1910**. Rio de Janeiro: Oficinas da Diretoria Geral de Estatística, 1910. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=873730>. Acesso em: 23 fev. 2025.

COLÔNIA INDÍGENA Rodolpho de Miranda. **Jornal Alto Madeira**. Porto Velho, n. 80, p. 1, 24 fev. 1918. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&pagfis=37950>. Acesso em: 23 fev. 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

MATO GROSSO. **Mensagem dirigida por D. Francisco de Aquino Corrêa, bispo de Prusiade, presidente do estado à Assembléia Legislativa**. Cuiabá: Typ. Oficial, 1919. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=873080&pagfis=1275>. Acesso em: 23 fev. 2025.

MÁXIMO, Maria Auxiliadora. **História da Educação Escolar em Rondônia nos tempos do Território Federal**. Tese (doutorado). 252 f. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Maringá, 2021.

NOTAS e notícias. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, ano XLII, n. 111, p. 1, 22 abr. 1917. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=40776. Acesso em: 23 set. 2020.

PRÓ-SILVÍCOLAS. **Jornal Alto Madeira**. Porto Velho, n. 11, p. 1, 17 jun. 1917. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&pagfis=37776>.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 7ª. ed. São Paulo: Global, 2017.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 no Theatro Phenix do Rio de Janeiro sobre os trabalhos da expedição Roosevelt e da comissão telegráfica**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio de Rodrigues & C., 1916.

_____. **Índios do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Rondônia**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

TOQUES e retoques. **Jornal Alto Madeira**. Porto Velho, n. 80, p. 2, 24 mai. 1918.
Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&pagfis=37950>.

Acesso em: 23 fev. 2025.

TRÊS PESSOAS assassinadas pelos índios. **Jornal Alto Madeira**. Porto Velho, n.
154, p. 6, 10 nov. 1918. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&pagfis=24206>.

Acesso em: 23 fev. 2025.